

ESTADÃO 
expresso

NA **PERIFA**

SÃO PAULO SEXTA-FEIRA, 5 DE NOVEMBRO DE 2021
expressonaperifa.com.br

CONSCIÊNCIA NEGRA

O BRASIL DAS CAROLINAS

No Mês da Consciência Negra, você conhece histórias de mulheres pretas e notáveis que ajudam a nutrir o país com inteligência, resistência e cultura. A escritora Carolina Maria de Jesus é uma delas
PÁGS. 4, 5 e 8

Parceria:

99



Divulgação/IMS/Folhapress

A **Caminhada São Paulo Negra** resgata histórias negras por toda a cidade. Os passeios de 3,5 quilômetros passam por lugares importantes, como as igrejas Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos e Nossa Senhora dos Enforcados e os antigos Pelourinho e Morro da Forca: guianegro.com.br

URBANISMO

MEMÓRIA FRACA

A maior cidade do Brasil tem 200 estátuas de pessoas. Nesse conjunto, homens negros e mulheres de todas as raças foram praticamente esquecidos. Aliás, só há 24 representações femininas e, dessas, a *Mãe Preta* é a única afro-brasileira

FELIPE MIGLIANI E KÁTIA FLORA, PERIFACONNECTION

Quem percorre hoje a cidade de São Paulo à procura de esculturas encontra 367 monumentos e muitas razões para movimentar, mais e mais, o debate sobre desigualdade racial e de gênero na memória da cidade – e na sociedade brasileira como um todo. São 200 representações humanas, a maioria em homenagem a homens brancos. Os dados são do Instituto Pólis, que divulgou em novembro de 2021 uma pesquisa chamada *Quais Histórias as Cidades nos Contam?* – A Presença Negra nos Espaços Públicos de São Paulo. A tempo: há 169 homens esculpados. E 24 mulheres.

Quando a análise dos monumentos se concentra nas mulheres negras, o da *Mãe Preta* é único. A estátua fica no centro histórico, em frente à Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, no Largo do Paçandu. Tombada pelo patrimônio público, foi feita por Júlio Guerra (1912-2001) e inaugurada em 1955.

Anna Maria Rahme, professora de Arquitetura e Arte e membro do Grupo Museu Patrimônio, que estuda memória e

representação, contextualiza: “A *Mãe Preta* é uma figura eleita pelos brancos. Foi criada para amamentar os filhos da sinhá [mulher branca] e deixava sua família para cuidar das crianças dos patrões. Uma forma racista e escravizada da mulher”.

Na cidade em que 39% da população se autodeclara parda (30,6%), preta (6,4%) e amarela (2,2%) – segundo o Banco Interamericano de Desenvolvimento e a Secretaria Municipal de Promoção da Igualdade Racial –, falta reconhecimento aos negros e há 14 homenagens a episódios e pessoas controversos ligados à ditadura militar e à escravização – Manoel Borba Gato, por exemplo, matou e oprimiu indígenas e negros entre os séculos 16 e 17.

Na tentativa de diminuir a disparidade racial, em outubro de 2021 a prefeitura anunciou a instalação de cinco estátuas em honra da escritora Carolina Maria de Jesus, dos cantores e compositores Itamar Assumpção e Geraldo Filme, do pentacampeão de salto triplo Adhemar Ferreira da Silva e da sambista e ativista Madrinha Eunice.

QUEM SÃO E ONDE ESTÃO

As únicas seis estátuas que representam pessoas negras em São Paulo



Mãe Preta | Largo do Paçandu (República)

A pedido do Clube 220, organização de agremiações negras do estado, o Largo recebeu a *Mãe Preta* junto da Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos. O templo é um ponto de referência para a comunidade afro-descendente e o Movimento Negro

Divulgação/PMSP

Tebas | Praça Clóvis Beviláqua (Sé)

Celebra o legado arquitetônico de Joaquim Pinto de Oliveira (1721-1811), o ex-escravizado Tebas – ‘alguém de grande habilidade’, na língua quimbundo. Recentemente, o Sindicato dos Arquitetos no Estado de São Paulo reconheceu Tebas como arquiteto profissional





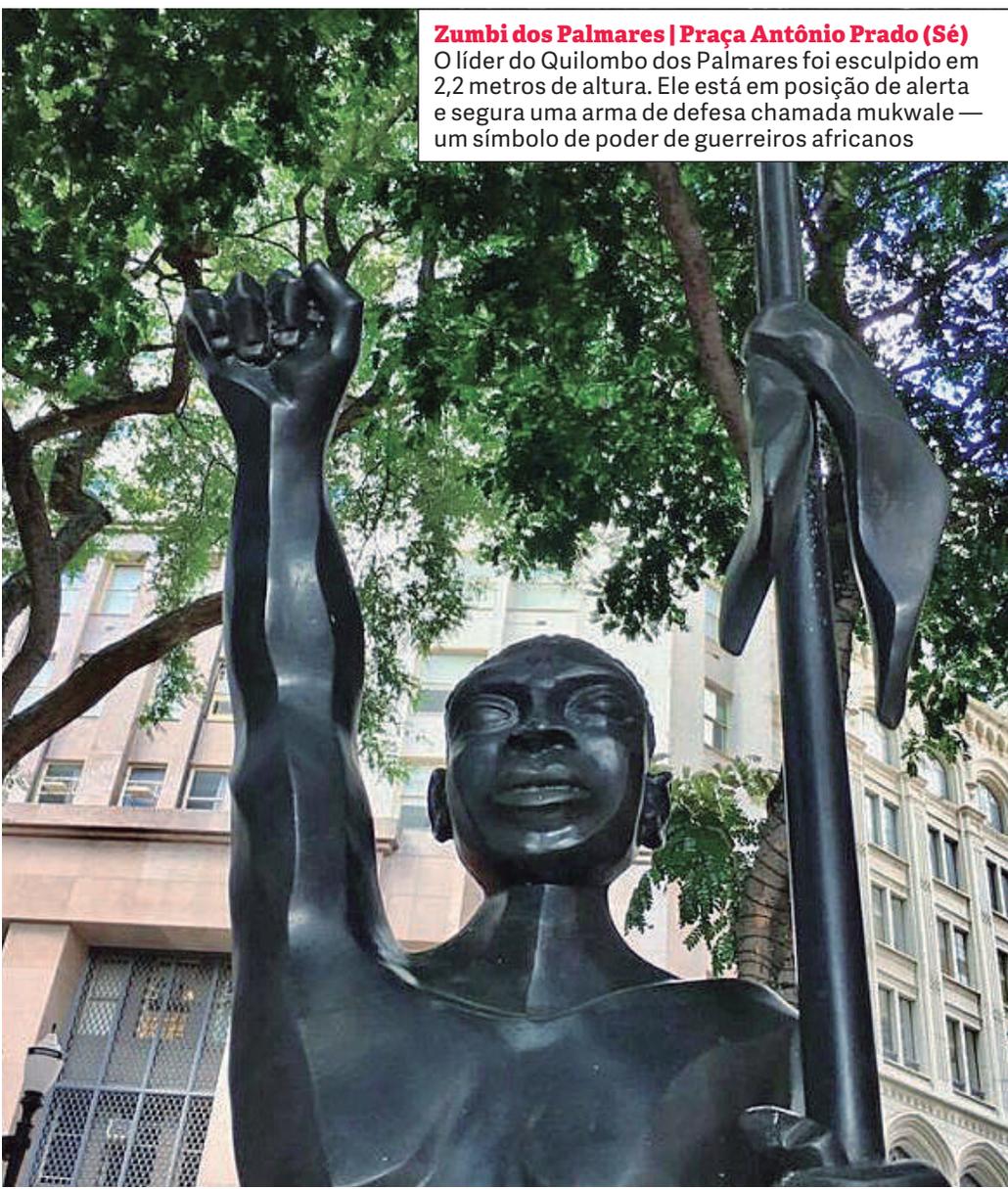
O Engraxate e o Jornaleiro | Praça João Mendes (Sé)

A escultura, também chamada de *Contando a Féria*, foi inaugurada em 1950. A peça é uma das mais antigas da cidade e retrata duas profissões muito comuns na primeira metade do século 20 nas cidades brasileiras



Gari, Copeira, Faxineira e Jardineiro | Praça Marechal Deodoro (Santa Cecília)

Dada pelo Sindicato dos Trabalhadores em Empresas de Prestação de Serviços de Asseio, Conservação e Limpeza Urbana de São Paulo (Siemaco), a obra retrata as categorias representadas pela entidade



Zumbi dos Palmares | Praça Antônio Prado (Sé)

O líder do Quilombo dos Palmares foi esculpido em 2,2 metros de altura. Ele está em posição de alerta e segura uma arma de defesa chamada mukwale — um símbolo de poder de guerreiros africanos



Luiz Gama | Largo do Arouche (República)

Primeiro monumento público da cidade em homenagem a um líder negro. O advogado Luiz Gama foi um dos mais importantes intelectuais e abolicionistas do século 19. Escravizado liberto, foi responsável por libertar mais de 500 pessoas escravizadas nos tribunais

São Paulo tem...

...**367** monumentos públicos

...**200** são figuras humanas

...**169** homens

...**24** mulheres

...**7** de ambos os gêneros ou sem classificação

Dos SEIS monumentos de pessoas negras, **só UM é mulher**

Fonte: pesquisa *Quais Histórias as Cidades nos Contam? – A Presença Negra nos Espaços Públicos de São Paulo* (Instituto Pólis)

Edições inéditas e de conteúdo integral de Carolina Maria de Jesus chegam às lojas pela Companhia das Letras. A autora Conceição Evaristo coordena o conselho curador. *Casa de Alvenaria* saiu em dois volumes e com os diários completos #leiamulheresnegras

**EDUARDA NUNES,
FAVELA EM PAUTA**

A memória da escritora negra que narrou suas histórias de vida, ganhou o mundo e caiu no esquecimento antes de morrer tem sido resgatada. E há muito por vir. A mineira Carolina Maria de Jesus (1914–1977), mãe de Vera Eunice, João José e José Carlos, foi catadora de papel e moradora da periferia de São Paulo. Ela vivia na Favela do Canindé, na zona norte, quando mostrou seus escritos para o jornalista Audálio Dantas (1929–2018), que publicou alguns textos no jornal em que trabalhava. Esses e outros relatos seriam editados no livro mais famoso da autora, *Quarto de Despejo – Diário de uma Favelada* (1960).

O sucesso da primeira publicação permitiu que Carolina fosse morar no bairro de Santana, ainda na zona norte. Foi lá que ela escreveu outro diário. *Casa de Alvenaria*, sobre a melhora de vida da família, agora afastada da fome. *Diário de Bitita*, publicado primeiro na França em 1982, fala de um período anterior à chegada da escritora em São Paulo – uma criança na cidade de Sacramento (MG). Somam-se a esses *Pedaços de Fome*, *Provérbios* e *Meu Estranho Diário*.

Edições inéditas e de conteúdo integral acabam de chegar às lojas pela Companhia das Letras. A autora Conceição Evaristo coordena o conselho curador. *Casa de Alvenaria*, por exemplo, saiu em dois volumes e com diários completos.

A bagagem literária de Carolina vai muito além da vida na favela do Canindé. Apesar de ter escrito romances, peças de teatro, crônicas e composições musicais, a crítica literária e a imprensa a colocaram em um lugar estereotipado e subalternizado, apontam estudiosos e pesquisadores.

“Carolina teve sucesso teórico em vida e também em vida caiu no ostracismo”, escreve a jornalista Maria Fernanda Rodrigues em reportagem do **Estadão**. “Tem sido redescoberta nos últimos anos, tornou-se



Acervo Estadão



Divulgação/IMS

CONSCIÊNCIA NEGRA

CAROLINA POR CAROLINA

Escritora mineira é homenageada no Instituto Moreira Sales

leitura obrigatória em vestibular e começa a ser apresentada agora em suas múltiplas facetas: a escritora politizada que expõe a cruza da fome e da vida na favela; a catadora de papel que preferia roupas com bolso para ter sempre consigo um lápis porque escrever, para ela, era urgente e essa urgência poderia surgir a qualquer momento; a autora de romances, contos, poemas, músicas.”

Quarto de Despejo foi lançado em 40 países e traduzido para 16 línguas. A nova edição em português dispensa a norma culta e preserva a escrita original da autora, uma filha de analfabetos que teve a breve oportunidade de estudar e encontrou na escrita uma voz própria original e importante.

Legado—A fome é um tema forte em sua produção, que também revela uma Carolina preocupada com a educação e a formação cultural dos filhos. Vera

Eunice de Jesus, a única mulher, hoje é professora de Língua Portuguesa e se encarrega de construir o acervo de produções da escritora, proteger e projetar a memória da mãe.

Em São Paulo—O Instituto Moreira Sales exibe até 30 de janeiro de 2022 a exposição Carolina Maria de Jesus: *Um Brasil para os Brasileiros*. É uma mostra ampla que ilumina faces até então invisibilizadas da autora.

A partir de um manuscrito inédito, a historiadora Raquel Barreto e o antropólogo Hélio Menezes buscam explicar quem era Carolina Maria de Jesus, em sua grandiosidade criativa e de percepção da realidade. Formam o conselho consultivo da iniciativa 12 mulheres negras, dentre elas a já citada Vera Eunice, a filósofa Sueli Carneiro, as escritoras Conceição Evaristo e Lúcia Xavier e a atriz Zezé Motta. A entrada é grátis e requer agendamento antecipado no site do IMS.



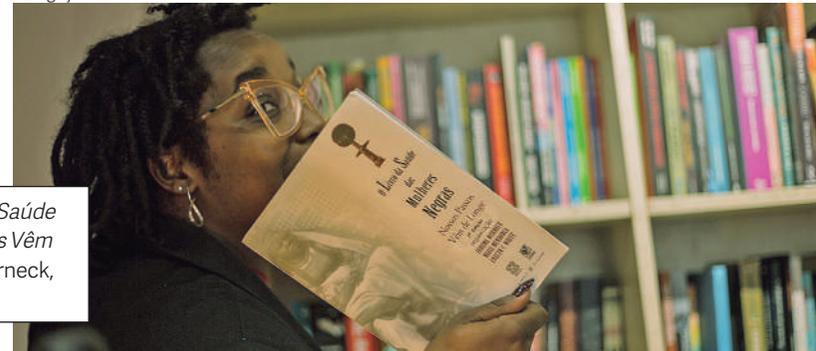
Acervo Estadão



Painel 'A Ancestral do Futuro'. Na esquina da Paulista com a Consolação, Carolina Maria de Jesus foi retratada pela artista Criola

Winnie Bueno. Pesquisadora segura *Saúde das Mulheres Negras - Nossos Passos Vêm de Longe*, organizado por Jurema Werneck, Maisa Mendonça e Evelyn C. White

Divulgação



+LITERATURA

Winnie Bueno ecoa:

#leia #leiamulheres #leiamulheresnegras

FÁBIA SOUZA, PERIFACONNECTION

A gaúcha Winnie Bueno, escritora e doutoranda em Sociologia, é leitora curiosa desde a infância. Foi incentivada pela mãe, Sandrali, e pela avó, Eli, a conhecer os mais variados gêneros. "Lia muitos autores negros, como José Emílio Braz, a coleção Vagalume e a Turma dos Tigres. Gostava de livros sobre pessoas negras, aventura e enciclopédias. Minha mãe tinha Barsa e Mirador, em que eu conhecia verbetes. Talvez por isso eu tenha me tornado pesquisadora", diz Winnie.

Enquanto em casa educação e literatura eram exaltadas, nas escolas que frequentou, todas particulares, Winnie experimentou sentimentos contraditórios. Esses espaços, ocupados predominantemente por pessoas brancas, foram lugares de muitos conflitos raciais para ela. Questionadora, buscou reivindicar histórias ensinadas sobre negros no Brasil. E foi nas bibliotecas que se refugiou junto aos livros. "Era o lugar que eu mais gostava na escola. Um espaço em que eu me sentia acolhida e valorizada", conta.

Tudo isso pavimentou os caminhos de conhecimento escolhidos por Winnie. Doutoranda em Sociologia na Universidade Federal do Rio Grande do Sul e mestre em Direito pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos, em 2020 publicou o livro *Imagens de Controle - Um Conceito do Pensamento de Patricia*

Hill Collins. A socióloga afro-americana é uma importante pensadora das questões raciais e de gênero.

A invisibilidade de experiências narradas por autoras negras na literatura brasileira é um ponto central nas discussões de Winnie. Ela ressalta a importância, para o país, de Carolina Maria de Jesus, que a partir das próprias vivências traduzia em livros a realidade de um Brasil esquecido; Esperança Garcia, que reivindicou seus direitos através da escrita; e Maria Firmina dos Reis, a primeira romancista brasileira.

Revolução nas letras— Em 2018, Winnie fez uma provocação nas redes sociais: os brancos poderiam colaborar com a luta antirracista doando livros a pessoas negras sem dinheiro para comprar. Era o embrião de uma iniciativa que está completando três anos, valoriza a formação literária e, principalmente, democratiza a literatura: a Winnieteca é uma espécie de plataforma de conexão entre quem quer e pode ajudar e quem deseja ler. A solicitação para doações de livros deve ser feita nas redes pela arroba @winnieteca e a hashtag #pedeumlivro. Atualmente, Winnie pensa em expandir o projeto em pontos físicos pelo Brasil, criando espaços para compartilhar as experiências que a leitura proporciona.

DEPOIMENTOS

CAROLINA POR ELAS

A importância da autora para mulheres negras de vários campos da sociedade

"Ela tem o poder de nos servir emoções de luta e resistência. Cada vez que meus olhos vagueiam pelos seus livros vou devagarinho decifrando as palavras. Bebendo sabedoria..."

Ieda Leal, 56 anos, coordenadora Nacional do Movimento Negro Unificado

"Meu primeiro contato foi tardio (...), mas transformador. (...) O mais significativo foi a abertura da possibilidade de uma escrita dentro dos meus próprios termos, a libertação da narrativa de referência branca"

Juliana Cinthia, 35 anos, antropóloga

"Carolina Maria de Jesus teve na literatura a possibilidade de dizer da vida e de si, refletindo a poesia que via no mundo. Minha avó não conseguiu se alfabetizar, porque seu pai não queria que escrevesse para namorados. Carolina representa o poder de poder dizer"

Mariana Lopes, 25 anos, estudante de psicologia

"Fui atravessada pela escrita autêntica e empoderada da mulher preta que durante a década de 1960 ousou narrar o Brasil de uma forma única. (...) E essa força inspira e incentiva outras mulheres pretas a se movimentarem, a reivindicar os lugares que querem ocupar"

Tamires Carneiro, 32 anos, pedagoga e mestrandia em Educação

"Sabemos o quanto é difícil uma mulher preta e não acadêmica alcançar notoriedade através da escrita em um país que tem o racismo como política de extermínio. Hoje Carolina Maria de Jesus é referência e tem obras estudadas até em universidades no exterior"

Sabrina Barbosa, 26 anos, historiadora



Consciência, orgulho e muitas lutas diárias

Criado para enaltecer as conquistas da negritude brasileira, o dia 20 de novembro também traz à tona a realidade das periferias em um cenário cada vez mais desafiador em busca de igualdades

Na história de nossa sociedade, a população negra – pessoas que se autodeclararam pretas e pardas, de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) – sempre enfrentou mais dificuldades em comparação às demais. Com a pandemia de covid-19 esse cenário se agravou: foram os negros que mais morreram nesse período – 47,6% dos óbitos de pretos e pardos contra 28,1% dos brancos, de acordo com o Mapa da Desigualdade, da Rede Nossa São Paulo, divulgado em junho deste ano.

São os negros, também, os que mais têm sofrido com o desemprego e a consequente diminuição da renda, o que muitas vezes significa não ter dinheiro nem mesmo para comprar comida. “Quanto mais afunilamos por grupos minorizados, como raça, gênero ou algum tipo de deficiência, por exemplo, a situação vai ficando mais crítica”, explica Carine Roos, socióloga especializada em diversidade e inclusão e CEO e também fundadora da Newa Consultoria. “Se pensarmos nas mulheres negras, periféricas, muitas delas acumularam ainda mais funções durante a pandemia, foram impedidas de trabalhar ou perderam seus empregos formais, enquanto se observou, também, um aumento da violência doméstica”, avalia a especialista.

Com Elas na Direção

Diante de um histórico cenário de desigualdades, dificuldades e falta de oportunidades, toda conquista merece ser compartilhada e celebrada. A história de Juliana Santana, 34 anos,

A pandemia acentuou as diferenças entre negros e brancos em relação a óbitos, desemprego e acesso à renda para sobreviver



Getty Images

moradora de Carapicuíba (SP), município da região metropolitana de São Paulo, é repleta de vitórias. Mulher, negra, periférica, estudante, filha de empregada doméstica e mãe de um menino de 12 anos, Juliana encontrou no trabalho como motorista parceira da 99 uma forma de transformar a sua realidade.

A plataforma de tecnologia voltada à mobilidade urbana

possui usuários em 1.600 municípios do Brasil, 750 mil motoristas parceiros cadastrados e, dessa base, 5% são mulheres. “Fui incentivada pelos meus irmãos, que também são motoristas, e comecei a dirigir em 2017. Hoje, não me imagino mais trabalhando na rotina de uma empresa, em ambiente fechado, pois tenho a opção de fazer o meu horário, e ainda conheço

lugares novos e pessoas diferentes todos os dias”, conta.

Com o trabalho, Juliana pôde começar a cursar Psicologia e, com a flexibilidade de agenda que a atividade proporciona, encontrou uma forma de conciliar as tarefas que tem que desempenhar no dia a dia. O contato com os passageiros – que ela e o pai chamam – é “estágio em Psicologia”. “Escuto uma diversidade enorme de pessoas, cada uma com sua história, suas alegrias e tristezas”, observa. Há seis meses a motorista participa da iniciativa Mais Mulheres na Direção, uma das ações da 99 destinadas ao público feminino da plataforma e motoristas parceiras para encorajá-las a assumir a direção dos seus sonhos, das suas finanças e de suas vidas da melhor forma possível, e só transporta mulheres. “Foi uma grande conquista tanto para motoristas quanto para passageiras”, comemora Juliana.



Juliana Santana, motorista parceira da 99, estuda Psicologia e pretende auxiliar moradores em situação de rua e dependentes químicos

Agentes de transformação
Quem conhece de perto a realidade das periferias tem duas opções: fugir dela ou contribuir para transformá-la. Juliana fez a escolha pela segunda: seu objetivo, depois que se formar na faculdade, é voltar a atuar em um projeto social de Carapicuíba que atende moradores em situação de rua e dependentes químicos. Só que dessa vez como psicóloga. “Quero me estabilizar financeiramente para atuar como voluntária e ajudar essas pessoas”, adianta.

As empresas também têm papel fundamental na construção de uma sociedade mais igualitária, justa e inclusiva. A 99, por exemplo, conta com o Guia da Comunidade, documento construído a partir de um processo de escuta e de consulta às pessoas com as quais a empresa se relaciona – não só como motoristas parceiras, passageiras e passageiros, mas também demais atores, internos e externos – com atenção especial às questões que permeiam nossa sociedade.

Ele é colocado em prática todos os dias, em cada viagem, e estabelece que, independentemente da origem, da cor da pele, da orientação sexual e das preferências políticas, todos devem ser tratados – e tratar os demais – com respeito. O Guia fornece, inclusive, orientações sobre como agir em casos de discriminação, assédio, entre outras situações de violência, bem como as punições possíveis para quem os pratica.

Para acessar outros conteúdos, aponte a câmera do celular para este QR code:





99 99PAY

99PAY, a carteira digital que fica dentro do seu app 99!

Seu saldo lucra **220% do CDI***, a maior lucratividade entre as carteiras digitais.



Descontos e cashbacks em boletos, recargas de celular e corridas 99.



Receba ou pague seus amigos por PIX ou TED.



Faça pagamentos com o Assistente Virtual da 99Pay no WhatsApp.

**ACESSE A 99PAY
NA ABA DO
SEU APP 99
E APROVEITE!**

**Limitado ao valor de R\$5.000,00 (cinco mil reais). Saldos acima de R\$5mil não são elegíveis a bonificação de lucratividade. Confira o regulamento completo.*

Em Perus: produzido pela Rádio Guarda Chuva e o Instituto Vladimir Herzog, o podcast *Vala de Perus* conta do cemitério clandestino que ficou 14 anos em segredo – até que a história dos desaparecidos políticos enterrados pela ditadura militar fosse contada no livro *Vala de Perus – Uma Biografia*. A apresentação é de Camilo Vannuchi, autor da obra

QUEM SOMOS

APRESENTA E REPRESENTA

No mês da Consciência Negra, um passeio pela trajetória de mulheres negras que se expressam na perifa em defesa de arte, representatividade, protagonismo e inclusão

Jéssica Moreira: escritora e jornalista

Perus, na região noroeste de São Paulo, é o marco zero de Jéssica Moreira. Foi em um cursinho popular que a autora conheceu melhor a história do bairro que abrigou a primeira fábrica de cimento do país, uma greve contra a violência e a vala clandestina de desaparecidos políticos da ditadura militar.

A favor da representatividade e contra estereótipos e preconceitos, a escrita de Jéssica ergue pontes entre a periferia e o centro. Publicado pela editora Patuá, seu livro *VÃO: Trens, Marretas e Outras Histórias* reúne crônicas e microcontos sobre o cotidiano de quem usa esse meio de transporte na maior cidade do Brasil. Saiba mais na reportagem de Nataly Simões, em expressonaperifa.com.br.



Luan Kalil

Criola: uma 'artista' visual

A muralista e grafiteira mineira pintou o mural da escritora Carolina Maria de Jesus em um prédio na Rua da Consolação. Ao usar a arte como instrumento de expressão política e social, Criola quer "modificar padrões inconscientes e doentes da sociedade". Ela usa texturas e estilos que partem das subjetividades da mulher preta, além de grafismos de matrizes afro-brasileiras. Saiba mais na reportagem de Riviane Lucena, do coletivo Embarque no Direito, em expressonaperifa.com.br.



Divulgação

Danny Barbosa: cineasta trans

Mulher preta, professora e atriz, Danny Barbosa nasceu em João Pessoa (PB) e teve uma infância marcada por saberes ancestrais ensinados por mãe e avó, suas referências de força e resiliência. Ela sempre quis ser artista, estudou música e teatro, formou-se em Letras e virou professora de Língua Portuguesa. Na pandemia, teve aulas de escrita, direção e produção audiovisual – em um projeto exclusivo para pessoas travestis, transgêneros e não binárias. E realizou seu primeiro curta-metragem de ficção. Saiba mais na reportagem de Jacqueline Ferreira, em expressonaperifa.com.br.



Arquivo Pessoal